

REDIMENSÕES DO / NO TEXTO POÉTICO: REDES, MÍDIAS E TRANSMÍDIAS LITERÁRIAS

João Carlos de Souza Ribeiro ¹

RESUMO

O presente estudo busca refletir na atualidade cibernética os novos formatos dos textos poéticos, modulando a literatura para além do texto tradicional. A emergência das mídias computacionais e seus derivados têm possibilitado outros espaços para a literatura, que, *pari passu* à construção em rede das mídias digitais, ressignificou a sua linguagem, através do universo *on line* bem como a representação das subjetividades em trânsito na esteira do Virtual. A Transmídia, como avanço plurissignificativo, que une mercado e literatura, renova os modos de aquisição, popularização e permanência do texto literário, cuja forma assiste às mudanças relacionais no que concerne à obra literária, ao autor, e ao leitor, que, em última análise, é o produto da rede de dados reais e virtuais, simultaneamente.

PALAVRAS-CHAVE: Texto poético; mídias digitais; literatura; transmídia; subjetividades.

ABSTRACT

The study in question intends to aboard new poetical texts shapes which work literature over traditional literary one in cybernetic times. The computational medias emergence and its derivatives has been allowing another spaces for literature which *pari passu* to the building digital medias net resignified its language throughout on line universe and subjectiveness representation that transits in virtual course. As plurisignificative advancing Transmedia which links market and literature renews its ways of acquirement, popularization and permanency of literary text. Because of digital medias in nowadays poetical text has been influenced by relation changing in concerning with literary opus, author and also reader, who is the product of virtual and true data net ultimately and simultaneously.

KEYWORDS: Poetical text; digital medias; literature; transmedia; subjectiveness.

Tudo na realidade é e continua sendo uma questão de probabilidades. Um elétron pode ser uma partícula, pode ser uma onda, pode estar nesta órbita, pode estar naquela – de fato, tudo pode acontecer. Só podemos prever essas coisas com base no que é mais provável dadas as condições gerais de determinada situação experimental. (ZOHAR, 2008, p.27)

Os estudos literários na atualidade do novo milênio carregam, em suas linhas embaçadas, os respingos de uma pós-modernidade, esvaziada em seu sentido e

¹ Doutor e pós-doutor em Poética pela UFRJ, professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Acre, atuando no PPGLI – Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade e no Mestrado Profissional em Letras – UFAC. Membro titular da Academia Literária Lima Barreto.

morbidamente indefinida em sua conceituação e respectiva delimitação. A despeito de seu gigantismo e de sua incompreensão, pois nunca houve consenso sobre os limites temporais daquela, a emergência da realidade atropelou um tempo em que o analógico cedeu espaço para o digital e o cenário virtual sacudiu o planeta, que, por sua vez, experienciou mais um período da *decadentia*.

Desse modo, o choque esperado e inevitável das águas turbulentas de século e milênio, que atravessaram um canal singular, provocou a avaria conceitual, que acometeu configurações epistemológicas, na virada do século XX – XXI, para, por fim, estabelecer parâmetros renovados nos diversos saberes na contemporaneidade. As falhas sistêmicas, que atormentaram a aldeia global, na travessia do duplo, para o bem da Humanidade, não produziram o *bug* do milênio, mas verdades múltiplas emergiram a partir das novas tecnologias, que têm imposto outro *modus operandi* na realidade do portador do *cogito* e da Linguagem, em processo agudo de transformação contínua.

Da promulgação histórica das versões do Modernismo em vários pólos, que deflagraram o movimento, sob a tutela de um futurismo marinettiano, no qual a velocidade do automóvel marcava a arrancada para um tempo promissor, às descobertas das intrincadas cadeias genômicas e do limiar da física quântica, no final do século passado, construindo uma parábola perfeita no conhecimento humano, o expressivo salto científico foi acompanhado *pari passu* pelo maquinarismo, em todas as suas versões epocais, que cresceu, exponencialmente, a partir da Revolução Industrial, no século XVIII, na Inglaterra, e se tornou tão complexo quanto a redistribuição da realidade objetiva, marcada, na contemporaneidade, pelo código *mutatis mutandi*, com o advento da *World Wide Web* – *www* – a rede mundial de computadores. Nessa diretriz, a Literatura, um dos braços da Arte, que se manifesta, através da palavra poética, não permaneceu envolta em uma aura espetacular ou foi blindada por um bólido encouraçado à prova de balas; mas, antes, recodificou a realidade do sujeito, que, em trânsito epocal, assistiu, na dupla de condição de protagonista e antagonista, a crise da própria linguagem. Linguagem metafísica, que, ciberizada, reformulou a visão humana, uma vez que as tecnologias digitais tornaram-se componentes indissociáveis do *modus vivendi* no planeta dos teclados eletrônicos, das mensagens efêmeras e das informações instantâneas. As subjetividades do trânsito sobrevivem em ilhas sociais e isolam-se paradoxalmente no mundo dito globalizado: nas redes e em redes; midiaticizadas e imediatizadas pelo desejo insano de ser para além das imagens criptografadas. (grifo

nosso). Em tramas, em teias. Assim, literariamente transmediatizados e redimensionando os limites do pensamento sobre a literatura, além dos novos espaços na qual o discurso artístico se insere, o sujeito das conexões opera a linguagem em planos renovados. A Arte está em todos os lugares. Nos módulos cibernéticos, o ilimitado parece ser a medida intangível, e a Literatura, em sua corporeidade, presentifica-se com sua natureza metaforicamente fractal. Apesar disso, informa-nos Pierre Lévy:

Inventar novas estruturas discursivas, descobrir as retóricas ainda desconhecidas do esquema dinâmico, do texto de geometria variável e da imagem animada, conceber ideografias nas quais as cores, o som, o movimento irão se associar para significar, estas são as tarefas que esperam os autores e editores do próprio século. (LÉVY, 1993, p. 108)

Da formulação aristotélica acerca da Poética ao desnudamento da *poiesis*, através da compreensão do movimento do tecido literário, o percurso ontológico da própria literatura promoveu a ascensão do autor e de seu objeto (o texto artístico), *a priori*, e o reaparelhamento de seu universo de ação com a presença irrefutável do leitor. Na triangulação da mensagem advinda do tecido, considerado arte escrita, no qual autor e leitor são personagens distantes e próximos, protagonizando a tensão necessária para a interpretação da obra literária, o movimento recepional modulou a visão sobre o texto poético, ampliando as fronteiras da compreensão. O triângulo aparente se transforma em um círculo e a esfera denuncia o que é, de forma radical, a literatura e seu discurso, como vetor representacional da/na realidade dita objetiva. Segundo a reflexão oportuna de Manuel Antônio de Castro:

...toda leitura é poética, isto é, agencia o círculo da produção, jamais podendo prescindir da história. Pois o homem (autor/leitor) faz a história (mundo/texto) e é feito pela história (ler). A leitura, sendo um exercício histórico, implica necessariamente, no vigor do ler, a obra, o leitor, o autor, o contexto. Ler crítica e poeticamente é um exercício de articulação do homem, da história e do sentido do ser na obra literária. (CASTRO, 1982, p. 111)

Sem marcas e, por conseguinte, sem amarras, a Literatura, ou como um corcel alado, próprio da mitologia - um possível *Pégasus* -, ou uma nave fantástica, típica das narrativas *scifi*, redesenha, no espaço em desmedida, o risco mítico, atualizando-se como letra; *lógos* que dialoga com diversos atores em cenários distintos. Se a pena medieval adormecera para sempre em um passado distante, a caneta esferográfica fora guardada na gaveta e as teclas dos *personal computers* definitivamente roubaram a cena

na realidade pós-cibernética. Frenéticos e movidos por um desejo irrefreável, de acento freudiano, as subjetividades contemporâneas da neodecadência constroem e desconstroem dimensões complexas com o toque suave e instantâneo dos dedos em teclados eletrificados. O mundo, em recente retrospectiva, cabia na palma da mão de uns poucos mortais, reconhecidamente privilegiados, pois o acesso à informação estava longe de ser algo democrático. O globo, na realidade, das cenas finisseculares e finimilenares, atualmente, circunscreve-se ao ato de digitar. *Enter or delete?* Eis a grande e insaciável questão!

Globalizada, portanto, a humanidade das tecnologias emergentes redescobriu, paradoxalmente, o mundo no qual habita, e percebeu que as barreiras foram desfeitas; oportunamente delidas, ao sabor das novas marés que sacodem a terra firme. O mais se transforma no menos; o acolá é aqui; e todos estão compilados na realidade maquínica como dados que se multiplicam no transporte de cargas virais, oriundas de todos os lugares, empilhando-se uns sobre os outros *full time*.

Na reinvenção dos espaços, o trânsito profícuo das informações, que invadem dimensões não – perceptíveis ao olhar humano, *a priori*, e que, no descortinar de uma época, cuja rubrica descreve outras esferas, promove o redescobrimto de outras pátrias, todas entrelaçadas; tramas intrincadas, que revelam, *a posteriori*, as complexas redes, que perfazem o sujeito histórico, endógena e exogenamente. Neste sentido, segundo as palavras de Nizia Villaça:

As visões totalizantes do sujeito são preteridas em favor de conjuntos mais sutis que o definam. (...) É preciso sublinhar o paralelismo e a complementaridade das tomadas de posição de Nietzsche, Freud, Bakhtin, Lacan, Ricouer e Derrida, para os quais o sujeito seria uma espécie de “indeterminação determinada”, se se pode assim exprimir por este oximoro as diferentes formas de pôr em relevo a instabilidade e a dinâmica complexa, bio-ideológica pela qual o sujeito é marcado; múltiplo, estigmatizado pela falta, descentrado, uma verdadeira estrutura dissipativa onde ordem e desperdício se conjugam. (VILLAÇA, 1996, p. 38)

Preso a estruturas visíveis e não – visíveis e simultaneamente solto, como pluma a (di) vagar no espaço em processo de reconhecimento, o *Homo*, qualquer que seja a sua predicação, em tempos pós-cibernéticos, é parte essencial e integrante de uma dimensão, que se expande para além dos limites dos códigos binários. Inumeráveis e infinitos são os vetores que agem sobre a realidade das subjetividades da/na neodecadência, cuja relação de (auto) identificação, na atualidade do digitalismo

imperante, definitivamente não parte mais da Alteridade, mas, com efeito, das máquinas. Portanto, cabe pontuar que uma fissura de larga extensão impõe rachaduras ao criticismo de base filosófica quando a máxima asseverava que a medida do Eu era o Outro, e este, por sua vez, na condição de entidade computacional, emerge do universo *on line* na pele de uma personagem quase fabular.

O cenário que se apresenta, aparentemente, como dantesco, apocalíptico ou bufônico, em que as máscaras conferem o tom das indefinições, do ocultamento e da própria crise, constitui-se, em verdade, na massa substantiva de uma grande teia, que envolve a realidade ciberizada. A reinvenção da realidade humana e de seus espaços de convivência tem se constituído inegavelmente, através do movimento de encantamento, aproximação, posse e absorção do *digital mode*, que se incorporou à Humanidade da nova centúria, de forma absoluta. A ideia de uma vida apartada do maquinismo digital, em todas as suas versões, é aterradora para as gentes que povoam um mundo, que ultrapassou o sentido pleonástico da própria globalização. A conexão das máquinas e das identidades, que são, em última análise, os atores principais nesse processo de revolução da própria realidade histórica, é, de forma indubitável, a redescoberta da imagem arremessada no espelho de faces múltiplas. O Real jamais existiu sob um ângulo singular, e a inserção do *Homo* no universo virtual, através da modulação *on line*, possibilitou (e tem possibilitado) o desnudamento de outras dimensões, factíveis e reais pela via do mundo digital. Redisposta, a Linguagem alça vãos renovados em sua carga significativa e representacional. O Outro, que, em verdade, sempre fora a senha do próprio mistério, esfingicamente em confronto com as vozes desafiantes, torna-se a simulação de um traço, por vezes estilizado, por vezes idealizado, consubstanciando-se nas telas frias de plasma. Simulacros eletrônicos ou oráculos que funcionam por *remote control* ou *wifi*, a realidade concreta é tragada pela virtualização ou o universo virtual parece abarcar o Real. Absorção das realidades ou aglutinação das identidades, os níveis de representação da linguagem acionam novos espaços, pois o mundo em redes impõe outros paradigmas de atuação, outras formas e fórmulas para equacionar o tempo em códigos hipermediáticos (grifo nosso). Na esteira do pensamento de Pierre Lévy:

As linguagens humanas virtualizam o tempo real, as coisas materiais, os acontecimentos atuais e as situações em curso. Da desintegração do presente absoluto surgem, como as duas faces da mesma criação, o tempo e o fora-do-tempo, o anverso e o reverso da existência. Acrescentando ao mundo uma dimensão nova, o eterno, o divino, o ideal têm uma história. Eles crescem

com a complexidade das linguagens. Questões, problemas, hipóteses abrem buracos no aqui e agora, desembocando, do outro lado do espelho, entre o tempo e a eternidade, na existência do virtual. (LÉVY, 1996, p. 73)

A passagem da linguagem humana para módulos digitais e a inversão nos papéis entre sujeito e objeto, pois no mundo pós-cibernético o ator do *cogito*, paulatinamente, tem se transformando no ponto terminal das diversas conexões e não no eixo matricial, também tem determinado para outros modelos de linguagem um arcabouço reflexivo, teórico e uma problematização, que vislumbra a emergência das próprias tecnologias, que, por sua vez, conferem o tom de uma realidade, cada vez mais aparente, em contraposição a uma realidade essencial. O plano horizontal definitivamente esmaga o plano vertical, iludindo, sobremaneira, o olhar do observador, que, conseqüentemente, não consegue abstrair a interseção das realidades e, portanto, elaborar as possíveis sentenças de verdades sobre o Si, a Alteridade e as questões oriundas de uma terceira instância, de condicionamento hegeliano.

Ora, a Literatura, para o arrepio de muitos críticos e daqueles que cristalizaram posicionamentos, balizados por um canonismo quase incorruptível, não foi/ não tem sido poupada dos ataques virais, de toda ordem, na contemporaneidade, de um digitalismo crescente e de uma realidade, que tem sido pautada e determinada pelas regras advindas do código virtual e de sua natureza lúdica, translúdica e hiperlúdica (grifo nosso). Assim, é lícito afirmar que o problema jamais fora o Virtual em sua postulação de base filosófica e primaz para pensar a realidade humana à luz de uma Ontologia, imensurável em seus limites e permanente em sua vertente. A raiz dos males, que se espalham na realidade objetiva, provocando endemias, que empobrecem a capacidade de compreensão da realidade e de todas as suas nuances, não está no maquiinarismo digital nem tampouco em sua linguagem, mas na crise de compreensão de quem utiliza os dados infinitos, a rede, a navegação e os sentidos das mídias, que podem produzir elos e também criar hiatos. A Literatura, neste sentido, não é depauperada ou corroída por um reducionismo linguístico emergente. Seu discurso, singular por excelência, ao ser encapsulado por um ambiente, que invade a realidade objetiva – o universo *on line* – ratifica a sua condição primária, basilar; a de fundação de todas as realidades existentes, co-existent; visíveis e não – visíveis; de acento aristotélico, que é, em última análise, o circuito da abstração, que permeia as dimensões do Real e do Virtual, respectivamente.

A Literatura vista de cima, como se fosse uma grande esfera, com rotação e translação próprias, é a consubstanciação de uma rede, que imbrica fios, cordas, nós, formando uma verdadeira teia de dimensões infinitas. Assim, a teia se expande, esfericamente, para todos os lados e a visão se perde em horizontes, que, lúdica e verdadeiramente, é e está curva, o suficiente, para fabular oásis, ilusões, fingimentos, onde a palavra ficção (*fingere*) encontra seu lugar mais aprazível, mais coerente, reinventando, no próprio redimensionamento dos espaços em ascensão, o movimento dos corpos poéticos. Ao fingirem, os poetas proclamam as mensagens cifradas da poesia; ao ser decifrada, a *poiesis* exuberante transborda os limites e registra o ilimite - a senha do Inefável. Estamos em consonância, portanto, com Vítor Manuel de Aguiar e Silva, ao afirmar que “o poeta é o vidente que conhece o sentido oculto das coisas e dos seres, que desposa o mistério, penetra no absoluto e reinventa a realidade.” (SILVA, 1979, p. 147).

Na roca, no tear, os fios são enrolados e construídos; nas mãos do artífice, a trama é elaborada e os tecidos dão forma às malhas complexas, em profusão de significantes e significados nos níveis fundadores, *a priori*, para constituírem-se componentes metassignificativos, *a posteriori*. E o que se apresenta na realidade dos dígitos, através do maquinarismo, que, na emergência do próprio Tempo, desafia os espaços, pois as nanotecnologias apontam para o não – visível, tornando cada vez mais viável e próximo a fabricação dos computadores quânticos, as ciências da computação e o fazer poético se encontram como águas de um rio caudaloso, que, fenomenologicamente, não se misturam, mas se complementam, mostrando que as realidades coexistentes produzem outras sentenças, outras verdades acerca do Homem e de sua linguagem radicalizante, essencial e desbravadora de mundos ignotos, sob as lentes de um telescópio de última geração.

A problemática em torno do Virtual remonta à tradição clássica da filosofia ocidental; e a recuperação da massa reflexiva, na esteira do pensamento heideggeriano, soa como trombetas proféticas acerca de um pensamento, que, incontestavelmente, antevia e vaticinava o triunfo da máquina sobre o Homem; e a profunda transformação do sujeito histórico e do uso de sua linguagem e de seus referentes, em uma realidade baseada em dados instantâneos com suas verdades fugazes. Ícones, imagens, símbolos são, na rota expressiva das mídias cibernéticas, componentes hologramáticos, na atualidade marcada pelos celulares inteligentes, *smartphones*, *tablets*, *ipads* e

congêneres. Cabe pontuar, neste sentido, que, se, por um lado, a urgência do maquinário digital impõe a instabilidade e a não – permanência do conceito de verdade como unidade estática, sólida, cristalizada e (quase) *ad eternum* ao *modus vivendi* do homem contemporâneo ou quase pós-cibernético; por outro lado, cumpre ressaltar que a substância hologramática, que perfaz os elementos advindos do virtualismo, e que no trânsito dos dados, dos *files*, das contas em nuvens, promove a redistribuição das linguagens (as do maquinário digital e a do homem ciberizado), também produz, nos elementos em terceira dimensão e móveis, as incertezas e as dubiedades; o indefinível e, principalmente, a negação do que se constitui e se apresenta na trilha do Ser. É neste rastreamento ontológico que Martin Heidegger reflete:

Mas o Ser – o que é o Ser? É ele mesmo. O pensamento vindouro terá de aprender a fazer essa experiência e a dizê-la. O “Ser” não é nem Deus nem um fundamento do mundo. O Ser está mais distante do que todo ente e, não obstante, está mais próximo do homem do que qualquer ente, seja um rochedo, um animal, uma obra d’arte, uma máquina, seja um anjo ou um Deus. (HEIDEGGER, 1995, p. 51)

As condições estão postas: os dados da realidade virtual, impalpáveis por sua natureza, *pari passu* ao poético, que, por seu estágio de fundação das realidades, impõe a realidade que se virtualiza e se atualiza no tecido reconhecidamente como literário, não se confrontam, mas se conjugam nos corpos, que podem ser contemplados como elementos plasmáticos e hologramáticos; configurando, reconfigurando e apresentando, na realidade dos dígitos, os objetos em terceira dimensão. E o que é a terceira margem do rio, uma visão radical de Guimarães Rosa sobre o poeta e seu fazer, que rasga o véu da realidade visível para instaurar outras dimensões?

A Literatura, deslocada de seu campo científico, que não atende aos apelos disciplinares e de ordenamentos propedêuticos e didáticos, é, *per si*, um ato de objetar-se a si própria na construção de sua teia colossal. O texto poético, que é a tessitura propriamente dita, é o virtual que se entrelaça com o Real, abrindo, conseqüentemente, a fenda de sua natureza eternamente misteriosa. No *ministerium* da palavra, o *lógos* é fogueira que não se apaga; e a luminescência que emerge da *poiesis* é o jogo tenso e necessário das palavras, que velam e desvelam significados à luz da interpretação, marcada pela multiplicidade de vertentes. Interpretar um texto poético é estar diante de várias portas, e saber qual delas é a escolha mais acertada (?) para a próxima passagem, para o próximo nível, dependerá exclusivamente da leitura, da compreensão e da

interpretação da realidade circundante - estágios atraentes e perigosos de um verdadeiro *Role Progressive Game* – RPG. Acessar a saída eleita pode ser a descoberta de uma ponte sólida para novos mundos; eldorados sonhados ou, quiçá, um mergulho espetacular e sem volta em um abismo mortal.

Assim configura-se o Real da/na Literatura, que possibilita, no alargamento de sua trama, crescente e infinita, a eclosão fantástica do Real no próprio Virtual e o Virtual, que invade o Real, formando, como amálgama indestrutível, o que é constitutivo da Arte na condição de letra literária. O poema é virtual por excelência. Em sua rede naturalmente sintética, o universo maior do que a compreensão humana apresenta-se como a senha para viajar em outras searas; navegar em outros mares. O texto narrativo, em sua condição tessitural, é a trama urdida; é o microcosmo de um mundo, que existe, com efeito, em uma realidade paralela. Portanto, a arte literária é o canal, que desemboca na realidade objetiva as subjetividades, que, por sua vez, tragadas pela lente do artista, foram magicamente reconfiguradas para engendrarem uma linguagem renovada, simbólica e ultrassimbólica; artística, por excelência. Encontramos, destarte, ecos nas palavras de Edgar Morin:

É a literatura que nos revela, como acusa o escritor Hadj Garm Oren, que todo indivíduo, mesmo o mais restrito à mais banal das vidas, constitui, em si mesmo um cosmo. Traz em si suas multiplicidades internas, suas personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, o sono e a vigília, a obediência a transgressão, o ostensivo e o secreto, pululâncias larvares em suas cavernas e grutas insondáveis. (MORIN, 2012, p. 44)

Desse modo, reconhecer o império do maquinismo digital, como produto seriado, de uma indústria que ampliou a visão humana e reduziu o planeta às bordas de uma tela de computador, é, paradoxalmente, admitir a eclosão de novas linguagens, que, se, por um lado, economizam as vias de emissão e recepção das mensagens por todos os meios balizados pela *web*, deflagrando, inequivocamente, a economia e o empobrecimento daquelas, por outro lado, tem possibilitado a expansão e a reinvenção das metodologias, que revigoram os saberes em diversos campos de atuação. A Literatura, nesta diretriz, abandona a imagem clássica dos livros empoeirados e estáticos nas estantes longínquas, opulentas e inalcançáveis para ocupar, na seara dos dígitos, o seu espaço como conhecimento de constituição integralmente virtual.

O Real na Literatura é a negação da própria realidade. A negação em sua abordagem fenomenológica aponta para uma assertiva que não se oculta; antes, emerge como sentença robusta e coerente na realidade que se objetiva permanentemente, através de códigos limitados. Nesse sentido, o não – ser implica o Ser, o risco ontológico, que rompe com as cadeias da Metafísica para elucidar a forma, o conteúdo, a linguagem, a compreensão e o lugar da Literatura. Para além do ordenamento lógico da realidade palpável, está o mundo da Literatura; seu circuito, sua esfera, seu solo movediço, que, instavelmente, oscila para retransmitir sinais que se radicalizam no verbo poético. O Ser da Literatura é a essência do Virtual, que se move por leis indeterministas, aproximando o Acaso da possibilidade para compreender as infinitas realidades pela ótica do artista.

Se o Real da/na Literatura é constituído da massa, que dá forma ao Virtual, o texto poético é a presentificação na realidade objetiva da virtualidade, que se vela e se desvela na letra artística; com efeito, na construção da trama literária. As linhas trançadas, que formam os elos da tessitura, em sua composição e em seu crescimento exponencial, através da leitura (ato de colher; recepção) e da interpretação (apreensão da mensagem), produzem o grande fenômeno; o evento, que é marcado pela descoberta do texto poético no qual inumeráveis janelas são abertas (*windows*) como ralos que sugam, trazem; verdadeiros vórtices invisíveis para arrastarem, sedutora e saborosamente, para outros mundos os leitores que se desrealizam permanentemente para se virtualizarem na pele de personagens de carne e osso, ao nível da tessitura literária.

Lançada a rede, o peixe é fogado pelo pescador impiedoso! Esta poderia ser uma das definições para o texto poético e suas dimensões assimétricas. Metafórico ou não, o espaço (mais acolhedor da malha artística) é o universo virtual, pois a Literatura é a rede; a Literatura está em rede. Nela, tudo é e está. Todos são e estão. No imbricamento fabuloso dos nós, que não se desatam, mas amarram, enlaçam e sustentam o que possui significação e é ressignificado nos sulcos da grande teia, eclode maravilhosamente o Real da Literatura, que, em verdade, é a escrita potente do virtual.

O texto literário, ao manifestar o poético em sua vertente inesgotável, traz à baila as dimensões do que se apresenta como literário. A linguagem artística, neste sentido, é a corrente do virtual, que modula e desmodula o código ordinário para transfigurá-lo, em última análise, no âmbito do extraordinário. Destarte, pensar a arte literária, tendo

como ponte imensurável o maquiinarismo digital, é experienciar, na realidade dos limites, que impossibilita o Homem de ir além de seus próprios sentidos, a natureza do duplo em mundos distintos. De um lado, o Real aparente, concreto, fantasmagórico e encharcado de sombras e luzes, por vezes diáfanas, por vezes opacas; do outro lado, o Virtual, essencial, intangível, sobrenatural e preenchido por pulsos e feixes eletrônicos, sempre luminosos, constantemente surpreendentes. No meio do caminho, uma tela, o portal de passagem para o universo, onde o desejo, o ludismo, o prazer e o infinito desenham a paisagem, que plasma a realidade, que é visível, mas que é impossível de ser tocada, e que está presente nas linhas e entrelinhas do texto poético; e que Eduardo Portella vaticina, com propriedade, ao afirmar que “a voz do poema fala mais alto quando se cala, já que o silêncio não é o espaço vazio, porém o máximo de concentração da fala.” (PORTELLA, 1979, p. 16). Destarte, indagamos: seria a literatura um portal cibernético adormecido no coração dos poetas?

O tratamento que deve ser conferido às questões, que privilegiam as possíveis redimensões do texto poético, não incide sobre a tessitura artística, pois a malha textual, de natureza literária, não se enquadra em modelos ou parâmetros factíveis de serem mensurados ou redimensionados. Antes, é necessário pontuar que, postular uma visão renovada sobre os limites do texto poético é perceber em quais ambientes a tessitura artística pode ter a sua (sobre) vida garantida, a despeito das mídias que, hodiernamente, estão a serviço da informação. A natureza do que se manifesta no Real, em sua forma mais libertária, que é a Arte, qualquer que seja a sua expressão, está livre das amarras de ordem temporal e, portanto, escapa das intempéries e das corrosões, que erodem outros discursos e/ou formas de representação na realidade objetiva. Logo, o texto poético, a forma aparente da *poiesis* e que cristaliza as mensagens que viajarão na linha da eternidade, é destituído de margens ou bordas, que afirmam ou determinem os seus limites. O texto poético é adimensional; repousa no próprio ilimite o sentido radicalizante de ser da tessitura, e no entrecruzamento horizontal verticaliza suas questões essenciais. A Literatura é; e, no circuito de sua esfera viva, em abertura constante e sem marcas, o Ser emerge e define o percurso do que eclode como corpo poético. Um corpo plasmático; informe, ubíquo e navegante nos espaços de traçado não – determinável por equações de cunho estritamente logicizante. A aparência da substância, que perpassa as cadeias numéricas e quantitativas do digitalismo, é/está descrita, de forma analógica, nas telas dos computadores, onde os dados cibernéticos,

pulsados dos feixes eletrônicos, tornam-se dígitos compreensíveis, e as mensagens aparecem como coelhos que pulam da cartola de um ilusionista de plantão.

Para o alívio de milhões de observadores e desfazendo as profecias apocalípticas sobre a morte da Literatura ou o desaparecimento paulatino do texto poético, na contemporaneidade maquínico – virtual, e, também, no rastro de uma realidade veloz, dinâmica, econômica, metonímica, *hard* o bastante para “desreferencializar” a subjetividade em detrimento da objetividade, a tessitura artística apossou-se dos novos instrumentais, que reinventaram a realidade midiática, na qual os *personal computers* transformaram-se em livros mais do que vivos, ciberneticamente digitais. Neste sequenciamento, os braços de uma indústria, que não pestaneja e tampouco descansa, multiplicaram seus tentáculos para abarcar a realidade externa, desaguando, através das diversas tecnologias computacionais, os novos modos para manter e também aumentar o fluxo informacional na sociedade do transmilênio (**grifo nosso**).

Ora, se a Literatura, em sua constituição ontológica é rede, a *web*, em sua formatação estrutural e consolidação na realidade objetiva – mundo – como canal, por onde milhões de dados navegam impulsivamente, e em uma linha *non stop*, é nada mais, nada menos do que o reflexo daquela em uma vitrine viva. A mensagem cifrada no texto poético ascende como perfume, sinestesticamente visível, assim como as mensagens na *internet* trafegam e revelam outras possibilidades de apresentação e representação da *poiesis*, que, em última análise, confere o tom renovado em um ambiente tecnológico favorável para acolher, produzir e preservar o fenômeno artístico em sua integridade e expressividade nos *sites*, *blogs*, redes sociais e congêneres – as novas prateleiras dos livros e da própria literatura no século XXI.

Longe, portanto, do criticismo, que, paradoxalmente, embaraçado em outras teias, que envelhecem, enrijecem e cristalizam a miopia ou a visão oblíqua de céticos, a convergência, que une o virtual da/na Literatura e a Literatura do/no virtual, promove a ampliação dos espaços de sobrevivência e de manutenção do discurso artístico, que não abandona a celulose para abrigar outros espaços, antes reinventa o papel, que recebe, em última instância, um corpo renovado, de constituição plasmática, fixado em pulsos eletroeletrônicos e, portanto, complexo. A tessitura é digital, está na rede. As entrelinhas do poema, que vertem mágica e eternamente do virtual, no maquinismo cibernético e pós-cibernético amplia sua dimensão. A malha se estende *ad infinitum*, e levemente solta, no espaço e no tempo, sem medidas, está a literatura na forma do tecido singular,

visível, inteligível, aparente, essencial; concorrendo para a sua modulação, de ordem fenomenológica, na realidade objetiva. No percurso de Adous Huxley, ao escrever a impressionante narrativa, intitulada *Admirável Mundo Novo*, que trata dos dias sombrios de um futuro dantesco da humanidade das máquinas, a (r)evolução das tecnologias digitais, na contemporaneidade, impuseram ao mundo multipolar uma ótica emergente. Qual seja: “O Admirável Texto Novo.” (grifo nosso).

Paradoxalmente, em um tempo que oscilava entre o moderno e o pós-moderno, muitos críticos e observadores elegeram a invenção do primeiro computador, nos idos da década de 1940, o *Electronic Numerical Integrator and Computer* (ENIAC), como o grande marco histórico, quando o mundo, então, começava a divisão em dois blocos antagônicos de poder: o Capitalismo e o Socialismo, dando início a um novo tipo de conflito bélico, velado e sem derramamento de sangue. A guerra era fria, mas as telas dos computadores eram ainda quentes; diferente nos tempos atuais, em que os computadores quânticos tornaram-se o cristal da coroa para os cientistas, que ensaiam, através do feixe de luz, o salto definitivo para a fabricação de máquinas mais inteligentes, com processamento de informação mais rápido e em níveis inimagináveis, aproximando-se, cada vez, da complexidade neuronal, que é a mente humana. Em cena (trans) midiática, a Inteligência (mais do que) Artificial rompe as barreiras do tempo e do espaço. Destarte, nas postulações de Jean-François Lyotard:

É razoável pensar que a multiplicação das máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação dos homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (*media*) o fez. (...) Pode-se então prever que tudo o que no saber constituído não é traduzível será abandonado, e que a orientação das novas pesquisas se subordinará à condição de tradutibilidade dos resultados eventuais em linguagem de máquina. (LYOTARD, 1986, p. 4).

Nas ondas de um tempo marcado pelas mídias digitais, em todas as suas versões, e, literalmente, na onda gigante, que é a própria *web*, a Literatura surfa em *megatsunâmis* pós-cibernéticas, livre de quaisquer forças, que restrinjam ou possam provocar o seu estado inercial. Neste sentido, o cenário digital, que fundou suas bases originárias na gratuidade, na troca *faster and faster* das informações, através de dados e arquivos de toda ordem, sem distinção de língua, raça, cor e religião; na teia que se espalha e repousa sobre o planeta e na queda das fronteiras entre os múltiplos saberes, que antes estavam confinados a livros em bibliotecas físicas, obras raras, muitas de

acervos particulares e, portanto, inacessíveis; e na atualidade, ao alcance de todos (os dígitos!), a Literatura, que deveria ser mais um ramo fértil do conhecimento, disponível na rede mundial de computadores, protegida e fortalecida pelas “leis naturais” vigentes no mundo virtual, operou/opera, hodiernamente, o efeito contrário. O texto poético, em rede/na rede, de forma incontestada e avassaladora, engoliu a própria rede, pois as malhas, em estado de equivalência, (con) fundiram-se na forma de um holograma perfeito.

O livro digital, como produto permanente na *web* e todos os seus formatos – *e-books* –, pode ser lido na tela, formatado e reformatado, ao gosto do usuário; pode, ainda, ser guardado em nuvens ou baixado em arquivos particulares; pode ser disponibilizado somente para leitura em um *Portable Document Format*, conhecido por PDF, pode figurar em estantes virtuais e até ser comercializado por livrarias, *megastores*, que dispõem de lojas virtuais para vendê-lo do modo similar como acontece fora da rede. Apresentação, forma e modo de aquisição, portanto, consolidaram o poder do livro na *internet*, que, por não ter fronteiras e limites, provoca a avalanche, que é a responsável pela invasão de todos os tipos de textos *on line*, que a imaginação, mnemonicamente perfeita de um ser humano, pode imaginar, em sua rede nervosa, onde os neurônios, na ordem do bilhão, conectam palavras, imagens, sentidos e formas, de maneira inigualável.

Ao navegar na *web*, a Literatura, no que concerne às informações sobre uma das manifestações da Arte – o texto artístico –, às questões científicas, às postulações disciplinares e, por fim, ao texto poético, como unidade corpórea, plasmática, que está presente aqui e alhures, não se confunde ou se funde com a própria rede. Ela é a uma rede mágica; ela é a rede *ipsis litteris*. No oceano digital, o leitor é peixe a ser fogado e a mensagem é água tangida, sentida, mas não apropriada ou apossada. A rede não possui donos; a literatura é porto seguro, pertence a todos e não é de ninguém. A despeito disso, indagamos: não seria este um reflexo angular do fenômeno do Virtual no espelho de modulações filosóficas? Desse modo, portanto, é lícito afirmar, substantivamente, que o texto poético é o espaço do virtual, e que, a partir da emergência do maquinismo digital, atualizou o Ser da Literatura para além das estruturas da realidade objetiva. O que era/estava do/no mundo das ideias tornou-se concreto, palpável pelo olhar humano, que não apenas percebe, mas toca, digitaliza e virtualiza, em última instância.

O alargamento ou o expansionismo da realidade circundante – mundo – ou, quiçá, a assimilação daquela pelas mídias digitais, que se tornaram, definitivamente, uma extensão do universo particular de cada indivíduo, favoreceu, através dos *links*, os grandes saltos, quantitativos e qualitativos, respectivamente, no que tange às diversas formas de informação, saberes e conhecimentos, que estão ao alcance de todos, indistintamente. A emergência e a fluidez de uma linguagem, cujo *time* de permanência é tão fugidivo quanto a gota que desaparece nos ares, impõem um ritmo acelerado à realidade circundante. Tais ocorrências são visíveis e constituem-se a grande característica da geração *y*. A rapidez advinda da velocidade dos *bites*, dos acessos, dos dedos frenéticos, que correm sobre os teclados dos milhões de computadores, transferindo simbolicamente para o mundo externo o que acontece na intrincada rede de neurônios, que se conectam e se comunicam ininterruptamente, aniquilam as máximas, que apregoam que a qualidade é incompatível com a velocidade. No mundo pós-cibernético, as leis da inversão prevalecem e triunfam sobre um tradicionalismo baseado nas formas analíticas, extensas e em *slow motion*. Na era digital, os internautas, quaisquer que sejam as gerações que os criaram, tornam-se os arautos imbatíveis da síntese, da economia e do processamento cada vez mais instantâneo de dados, informações e programas sem interferir na qualidade. A humanidade ciberizada e plugada experiencia o lema denominado quantidade, qualidade e velocidade – tripé que expande espetacularmente os limites de uma teia para além das fronteiras planetárias, e que atravessa as grandes nebulosas da comunicação via *on line*.

Uma questão em pauta, na emergência das linguagens midiáticas, dos internautas e dos saberes, que se acumulam, empilhando-se e multiplicando-se, exponencialmente, provoca o frenesi, que se interpõe entre um tempo recente, em que o império da celulose, da máquina de escrever, aliada ao *time* em suspensão do exercício da reflexão, constituía-se a tônica da produção de textos burilados e de alta qualidade técnica e/ou artística, e um *time* não – quantificável (na rede, tempo e espaço são fundidos), em que as linhas são virtuais, as palavras são economicamente efêmeras e um modo de pensar é/está fundamentado na praticidade, nos atalhos, como se os objetivos fossem alcançados por portais dimensionais, que diminuem ou devoram o próprio tempo, arremessando sujeito e objeto para vácuos ininteligíveis; sulcos existentes do universo virtual. A despeito disso, indagamos: será que a entidade mitológica e fundante chamada *Chronos* ressurgiu em modo digital?

Esse é o modo reinventado dos espaços e das linguagens, que, amalgamadas, transformam-se em corpos livres, flutuantes, de densidade hologramática, inaugurando a realidade da/em terceira dimensão. Postula-se, oportunamente, uma questão: o poético não é justamente algo que, plasmaticamente navega como elemento em suspensão (época), que não atraca em porto algum, mas que, paradoxalmente, não está à deriva, e em constante processo de mutação? Apropriando-nos, livremente, dos saberes da Biologia, é lícito afirmar que O DNA do elemento, que é classificado como literário, em sua estrutura morfológica, está, indubitavelmente, sob o código *mutatis mutandi* de modo similar aos dados que viajam, trafegam e que são (inter) cambiados na *internet*. Logo, se a Literatura, em sua concepção, natureza e vertente originária, que revela a própria *poiesis* no duo fundador – fundado da/na realidade, por meio da transfiguração do Real, cujo instrumental é a palavra no risco da perversão (rubrica artística), e a linguagem virtual é a eclosão de verdades, que rompem com as cadeias estruturantes da língua, a qualidade, que é o verniz a lustrar e a preservar o que a tradição helênica e pós-românica legou ao mundo, deslocando-se aquela das renascenças e dos resnascentismos, que nasceram, morreram e ressuscitaram, e, vez por outra, retornam à cena planetária, sob novos auspícios, recebe outras tonalidades. Se, na anterioridade de uma história e historiografia, a qualidade era sedimentada por um pensamento, que parecia eterno, nos tempos da celulose digital (grifo nosso), a força motriz opera outra mobilidade, cujo *time* é o da urgência. Não há tempo para a atividade do pensamento aos moldes de um classicismo barato, hipócrita, icônico e vazio na era dos dígitos, que minimaliza a linguagem humana e pulveriza o criticismo dos leitores pós-geração y.

O livro, que se tornou um produto, um objeto ao alcance de todos os mortais, com a invenção da imprensa, por Gutenberg, ao tempo do Romantismo, extravasou os limites do papel e desaguou na *internet*, na aurora do poligrafismo literário, que tem proliferado no mundo, onde a palavra perde seu campo semântico, originário, e a linguagem é sugada por uma economia gráfica, beirando ao reducionismo e ao tribalismo dos primórdios da Humanidade quando o *lógos* era uma fagulha, que se transformaria nas labaredas do conhecimento. Mais um questionamento se impõe: estaria o *Homo digitalis* (grifo nosso) padecendo de uma afasia crescente e de caráter irreversível? Reflexão própria de um tempo pós-cibernético e de um sujeito coletivo, que se proclamou em outras épocas como um dos cavaleiros de um apocalipse, exacerbadamente metafórico e tresloucadamente alegórico.

Arte e/ou artefato mercadológico, a explosão de todos os tipos de literatura, seja a não – artística, seja a artística, na *web*, é a prova irrefutável de que a Revolução Industrial, nos idos do século XVIII, na Inglaterra, substituiu o automatismo das alavancas pelos pulsos elétricos e sinais *wifi* para planetarizar-se nas telas dos computadores, dos mais variados, aqui, ali e até no espaço sideral. Essa revolução, que mais precisamente representa a Terceira Onda, não desqualificou o livro como arte – a literatura – e tampouco o tornou um corpo acometido por algum vírus, destruindo sua capacidade para dialogar, permanecer e atravessar o impressionante tempo – espaço, segundo as teorias de Albert Einstein, como acontece com os ataques virais em sistemas computacionais, que roubam senhas, *hackeam* dados e até destroem as máquinas, verdadeiros oráculos de prazer, lazer, e, também, de desprazer, na aurora do século da transcomunicação. Ao contrário, resistência e criatividade são os vetores potentes, que têm garantido a reinvenção do livro, na exuberante rede dos milhões e milhões de usuários e de produtos, que se multiplicam, trafegam, mas não congestionam os canais fluidicos da rede, cada vez mais faminta, cada vez mais urgente pelo novo. Vale lembrar, oportunamente, que a personagem messiânica *Neo*, da trilogia cinematográfica, intitulada *Matrix*, não é e jamais será a reencarnação do novo na rede em que replicantes ou falhas sistêmicas põem em risco a realidade, como está explicitado na sequência fílmica, revolucionária e que já se tornou *cult* entre os cinéfilos num mundo hiperconectado. Sobre a narrativa em questão, é imperioso destacar que o salvador de *Zion* é nada mais, nada menos do que a representação do poético, que triunfa sobre um maquiinarismo emergente, na realidade dos dígitos, para massacrar, reduzir, desviar, violar, simplificar e, por fim, deletar seres e coisas do próprio Real, que, por sua vez, não é nem absoluto, nem relativo. Em última instância e em *frames* cibernéticos, cada vez mais autônomos, que determinam uma etapa: o império das máquinas vivas e letais no planeta que, um dia, pertencera aos humanos.

Destarte, o poético se reinventa por si só; obedece a seus movimentos intrínsecos e inexplicáveis e que não são equacionáveis por programas ou dados matemáticos, que se replicam como andróides de outra estória, que mostrou, emblematicamente, a luta entre homens e máquinas autônomas, lideradas por um vírus criado pelo próprio computador (*Skynet*) para aniquilar a Humanidade: O *Exterminador do Futuro* ou as crônicas de John Connor. A tessitura artística, por ser livre, em sua essência, das forças que detonam a realidade, ao fazer parte da rede, para além de se confundir com a

própria teia, que engloba e engole todas as coisas e todas as inteligências numéricas e digitais, como se fosse um vórtice de dimensões inimagináveis, ultrapassa a fronteira do desconhecido; algo impossível de ser quantificado pela mente humana.

Superando os limites, que não são visíveis, e assimilando morfologicamente as realidades passíveis de (co) existirem nas infinitas cadeias, que constituem o Real, a *poiesis*, representada maciçamente pelo texto poético, qualquer que seja a sua gradação, extensão, natureza e sentido, assume as formas e os formatos, que emergem na ambiência marcada pelo acento *on line*, e que, atualmente, domina o cotidiano das gentes *linkadas*, plugadas; em última instância, conectadas. Personagens teladas a liderarem a legião, que aproximou as distâncias do planeta e venceu a barreira imaginária e fabulosa em que homens e mulheres conflitaram-se em tempos imemoriais porque falavam línguas distintas. Na era dos dígitos, a torre de Babel caiu definitivamente e as linguagens em profusão inauguram o tempo das transmídias. O Virtual domina o Real e a inversão dos pólos ainda é uma incógnita do/no transe, que pode levar a Humanidade, ou para uma terra santa, ou, quiçá, para um tártaro escuro e cego. Nas teias que se espalham pelo universo virtual, os extremos são previsíveis e as viagens podem ser confortáveis, turbulentas, com ou sem finais felizes. O arbítrio é do usuário; é do navegante; é do internauta.

De *networkers* a *netweavers*, as subjetividades lançadas em rede/na rede promovem o avanço daqueles que intercambiam as informações baseadas no mercado, que transforma o capital em moedas virtuais (*bitcoins*), e os que espontaneamente ampliam, para além da gratuidade, o universo que determina a transmissão da informação por entenderem que os saberes *on line* pertencem a todos, indistinta e democraticamente. É neste cenário que a indústria mercadológica do livro, na rede mundial de computadores, assiste às novas modulações da tessitura artística, que, a reboque das mídias tradicionais, redireciona suas turbinas para uma realidade desenfreada quando o assunto é nada mais, nada menos do que a informação viva, sua gratuidade e, principalmente, seu passe livre, que não é do pertencimento de uma individualidade; não está sob o domínio de uma coletividade e tampouco está alicerçada em um plano ou território. Desterritorializados, os dados, qualitativa e quantitativamente, fluem no ambiente virtual como ondas e partículas, que podem ser tudo e mais alguma coisa sem qualquer intermediação ou determinismos lógicos.

O que parecia apontar para uma falha sistêmica, invalidando as teses de morte e sepultamento do texto literário e sua sobrevivência na rede mundial de computadores, em verdade, revelou o salto quântico que a Literatura tem dado nas escalas do maquinário virtual, ao ser capturada por uma rede, onde o capital é/está invisível, mas revolucionária, de forma ascendente, os modos de criação, de multiplicação e de acesso. A última fronteira é, enfim, ultrapassada, e a mídia cede espaço para a transmídia, que assimila a literatura, em suas variadas formas, para atender os apelos de um mercado, no qual a valorização e a valorização convivem harmonicamente. Assim, textos e obras são sequestrados pela rede, tornam-se dados artísticos, sob outras mãos, e conhecem um patamar renovado da criação literária em escala digital.

A Transmídia, que radicaliza o sentido libertário da informação, qualquer que seja a sua forma, garante aos recriadores dos textos, que são migrados para o universo *on line*, a originalidade dos novos modos de transfiguração da realidade, na qual o texto poético é alargado sem ferir seus traços originários para serem replicados na rede, ao bel prazer da própria recriação da recriação. O objetivo é singular: tornar o texto literário renovado no ambiente virtual, atingir uma legião incontável de leitores e transformá-lo em dados cibernéticos recriados, com valores mercadológicos. A transmídia acena para a emergência da recepção, que redimensiona seu campo de atuação, de um lado, e promove a descoberta de recriadores da obra de arte literária, retualizando-a e reescrevendo-a, na *internet*, segundo regras indetermináveis por quaisquer padrões ou paradigmas pré-estabelecidos. O tempo é para além da urgência; portanto, é o primado da criatividade em seu grau mais cimeiro de libertação para dominar outros espaços. Chancelamos nosso pensamento através das palavras de Félix Guattari:

Os blocos de sensação da oralidade maquínica destacam do corpo uma carne desterritorializada. Quando eu “consumo” uma obra – que seria necessário denominar de outro modo, pois ela pode ser igualmente ausência de obra – é uma cristalização ontológica complexa que procedo, a uma alterificação de todo ser-aí. Intimo o ser a existir diferentemente e usurpo-lhe novas intensidades. Seria necessário precisar que uma tal produtividade ontológica não se resume de forma alguma a uma alternativa de ser e de entre ou de ser e de nada? Não apenas eu é um outro, mas é uma multidão de modalidades de alteridade. Não estamos mais mergulhados aqui no Significante, no Sujeito e no Outro em geral. A heterogeneidade dos componentes – verbais, corporais, espaciais... – engendra uma heterogênese ontológica tanto mais vertiginosa na medida em que se enlaça atualmente com a proliferação de novos materiais, de novas representações eletrônicas, de uma retração de distâncias e de alargamento dos pontos de vista. (GUATTARI, 1992, p. 121)

A obra artística, neste caso, a literária, assume feições renovadas e em movimento vivo e laboratorial, que é a própria *internet*, quando versões *updated*, híbridas, inusitadas e reconfiguradas de uma matriz singular dão vida a múltiplas narrativas, que, no universo *on line* multiplicam leitores e formam uma legião infindável de fãs, que se torna, pela força criativa que os dinamiza, os replicadores do poético “retransfigurado”, sob o primado cibernético. A Transmídia é, de forma inquestionável, a representação modular da *e-poesis* (**grifo nosso**) a inaugurar e a reampliar os horizontes, cada vez mais inimagináveis, onde a letra artística é capaz de alcançar; de ir; de trafegar; e, por fim, de navegar livremente.

A ressignificação do texto em rede, e que recortado como célula clonada de um tecido primo, no processo transmidiático, é, em última análise, o princípio que mantém acesa a chama, que muitos apostaram no apagamento – a literatura – e que redistribui faíscas como feixes inumeráveis de luz, cuja grandeza não está na totalidade de seu corpo, que sempre foi e sempre será intocável, em sua essência, mas, antes, está na síntese e nos fragmentos desconstruídos e em processo de reconstrução. Esta é a nova configuração do texto poético na rede. Em redes incalculáveis, as tessituras poéticas são pontos invisíveis para o olhar humano. Mígradas para a grande rede – a *web* – e transformadas em teias, para além do virtual, as letras transmidiáticas são a outra face dos *pixels*, que, juntos, não formam apenas uma imagem na tela do computador, mas infinitas possibilidades de cópia, de iconicidade, de representação, de metaforização, de abstração e de redimensionamento dos espaços, que somente a *poiesis* pode engendrar lúdica e misteriosamente.

As transmídias literárias, em última instância, marcam o nascedouro da *e-poesis* na era das sociedades informacionais. Nela, as esfinges não morrem, os heróis sobrevivem e as verdades são tão efêmeras quanto os enigmas (a serem) decifrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Manuel Antônio de. **O acontecer poético: a história literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HEIDDEGER, Martin. **Sobre o humanismo**. 2. ed. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem – feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 20. ed. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

PORTELLA, Eduardo et al. **Teoria literária**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da literatura**. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

VILLAÇA, Nizia. **Paradoxos do pós-moderno: sujeito e ficção**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

ZOHAR, Danah. **O ser quântico: uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência baseada na nova física**. 17. ed. Trad. Maria Antônia Van Acker. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

Aceito em: 29 de setembro de 2015

Recebido para publicação em: 15 de novembro de 2015